

## POR UMA POLÍTICA NACIONAL DE LEITURA

Ottaviano De Fiore  
Secretário Nacional do Livro e Leitura

### 1- Por que o Brasil necessita de uma Política Nacional de Leitura?

Porque em todas as nações desenvolvidas do planeta metade da população é razoavelmente letrada – e este tem sido um dos fatores fundamentais de seu progresso.

Na Alemanha, a **taxa** dos chamados **analfabetos funcionais** de grau dois <sup>1</sup> – isto é, das pessoas alfabetizadas mas incapazes de interpretar um texto de jornal – é de **14%**. Nos EUA, é de **21%**. Na Inglaterra, de **22%** <sup>2</sup>. (Para melhorar esta taxa, o governo britânico introduziu a “*literacy hour*” – a hora da leitura – em todo o Ensino Fundamental.)

Precisamos nos tornar uma nação leitora porque o cidadão comum de uma nação moderna é alguém que chega à vida adulta capacitado para ler e entender manuais, embalagens de produtos, instruções de uso e advertências, relatórios, poesia, formulários, atlas, contos, gráficos, tabelas, artigos de jornal e revista e todas as demais formas da escrita cotidiana, impressa ou eletrônica. Em 1997, se considerarmos **apenas a leitura literária** (excluindo, portanto, a leitura técnica, escolar, científica e jornalística), **123,2 milhões** de americanos (quase a **metade** da população) leram romances, peças de teatro, poesia e contos. Ou seja: a leitura literária **é a mais difundida das atividades culturais** daquela nação. (Participação bem mais alta do que a de qualquer outra atividade cultural, inclusive visita a museus e casas de espetáculos <sup>3</sup>.)

De fato, os países avançados só se desenvolveram porque difundiram entre o povo os instrumentos da informação escrita – o **livro**, a **revista**, o **jornal** e, hoje em dia, o **computador**. A China do século XVII era mais avançada que as nações européias e já conhecia a imprensa bem antes de Gutenberg. Mas o mandarinato chinês sempre se opôs ao uso de livros impressos no aprendizado de seus estudantes porque a arte suprema do letrado era a **caligrafia**.

---

<sup>1</sup> A OECD distingue cinco graus de capacitação para a leitura. As nações avançadas possuem cerca de metade de sua população alfabetizada classificada acima do grau três – o que equivale ao nível de alguém que completou uma escola secundária de bom nível.

<sup>2</sup> The Economist, 7 de julho de 2000.

<sup>3</sup> “The Future of Literary Publishing”, Simpósio do National Endowment for the Arts. **De fato, os países avançados só se desenvolveram porque difundiram entre o povo os instrumentos da informação escrita – o livro, a revista, o jornal e**, <http://www.arts.endow.gov/explore/LitPub/strategies.htmlb>

(O mesmo aconteceu nas escolas islâmicas, em que o clero se opôs ao uso do livro porque este substituíria a **memória**.) Em compensação, os letrados japoneses – que enfatizavam o aprendizado básico através de livros impressos – realizaram a Revolução Industrial no Japão simultaneamente com a Alemanha <sup>4</sup>.

Assim, entre os fatores decisivos para a criação de uma nação justa, rica e culta – a democracia moderna, igualitária e meritocrática que desejamos construir –, encontra-se a **capacitação do povo para o uso da informação escrita**.

Isto é, a **familiaridade da população com o livro, o jornal, a revista e o computador – os quatro instrumentos básicos da Sociedade da Informação**.

Nesse novo tipo de sociedade – ao qual pertencem os países desenvolvidos – a mercadoria mais valiosa é a **informação**. Mercadoria essa que não deve ser confundida com os cabos, satélites, transmissores e receptores, pelos quais ela (em parte) circula. Estes são apenas o novíssimo *hardware* eletrônico das sociedades da informação. A informação é tudo aquilo que flui através deste *hardware* e, também, através das bibliotecas, bancas de jornal, livrarias, salas de aula e dos correios. A informação é o conjunto das idéias, noções, juízos, argumentos, conhecimentos, pesquisas, debates, sínteses, análises e saberes – **que só podem ser criados, consolidados e transmitidos através das palavras fixadas na escrita**. E a informação fixada na escrita encontra-se nos **livros, revistas, jornais e computadores**.

Não é dinheiro o que está em falta nessas novas sociedades da informação. O que está em falta – e por isso mesmo é muito bem remunerado – é o cidadão altamente capacitado, o indivíduo que se auto-educa, o trabalho qualificado. **O dinheiro aflui de todo o planeta em direção aos países de povos letrados justamente porque a população desses países está familiarizada com o uso eficiente da informação escrita**.

No Brasil, a capacidade de usar a informação escrita em benefício próprio, das famílias, das empresas e da nação encontra-se **restrita às poucas elites letradas**. A grande maioria do povo não tem acesso aos benefícios profissionais, sociais, políticos, econômicos e de lazer inteligente que apenas a **familiaridade com a leitura** pode proporcionar.

---

<sup>4</sup> Peter Drucker - Sociedade Pós Capitalista, pp151-4. Editora Pioneira, 1994.

Ampliar continuamente o número de leitores entre o povo tornou-se, pois, uma das necessidades fundamentais da nossa sociedade: **a capacitação para o uso da informação escrita é um dos fatores básicos para seu progresso econômico, para seu destino político e para erradicar nossa vergonhosa distribuição de renda.**

**Nosso objetivo primordial, portanto, é :**  
**Produzir leitores em larga escala, num tempo histórico mínimo.**

Para atingir este objetivo, é necessário perceber que a familiaridade com a leitura não é adquirida de forma espontânea – a não ser em poucos e heróicos casos isolados. **As nações avançadas produzem deliberadamente seus leitores em larga escala.** Se o Brasil deseja ser uma nação leitora – e quanto a isso, como vimos, não temos escolha –, também precisará produzir seus leitores em larga escala.

Em todas as nações, **os fatores infra-estruturais**<sup>5</sup> envolvidos no processo de geração de leitores em larga escala revelaram-se, invariavelmente, os mesmos. Os sete principais são, a saber:

## **1. Nascer numa família de leitores.**

Este é, garantidamente, o meio mais seguro de adquirir familiaridade com a informação escrita. Infelizmente, nascer numa família de leitores é um acidente biográfico bastante raro em nosso país. Devido à recente origem rural de nosso povo e à rápida ascensão social da nova classe média, existem poucas famílias brasileiras cujos pais e avós têm o hábito de ler com as crianças.

Para difundir nas famílias de todas as classes o hábito de **ler para as crianças**, temos dois caminhos complementares:

A- Induzir os parentes a ler com as crianças através de programas para instituições de massa.

---

<sup>5</sup> Bamberger R. “Como Incentivar o Hábito da Leitura” - Unesco/Cultrix, 1997. (Estudo encomendado pela UNESCO.) Ver também Suaiden, Emir - “Biblioteca Pública e Informação à Comunidade”. Global, 1995.

Isto é, devemos criar programas para sindicatos, bibliotecas, escolas, clubes, empresas e igrejas, incentivando os adultos destas instituições a ler para as crianças de sua própria família. **A Terceira Idade pode vir a ter um papel fundamental nestes programas e exercer uma função social inestimável para o desenvolvimento de uma nação letrada.**

B – Convencer as famílias através da Mídia.

As rádios e TVs devem explicar às famílias as vantagens de tornar suas crianças leitoras e, sobretudo, **como realizar isto**. (O apoio dos meios de comunicação de massa à expansão do hábito de leitura será melhor discutido quando tratarmos do fator número 6.)

C – Fomentar a difusão de edições de (a) alto valor cultural, (b) alta tiragem e (c) baixo preço, com formato de **bibliotecas familiares**, vendidas (d) através dos sistemas de distribuição de massa acessíveis ao público mais pobre: **as bancas de jornal e o crediário porta-a-porta.**

É importante perceber que apesar das famílias predispostas ao hábito da leitura serem mais comuns na classe média, elas também existem – em certa medida – entre os pobres.

Pesquisas comerciais revelaram a existência de um número significativo de pais das classes C, D e E, pessoas de profissões modestas (cujos pais não foram leitores) que, entretanto, **compram enciclopédias e coleções de livros nas bancas e no crediário**, com a intenção de familiarizar seus filhos com a cultura escrita. Fazem-no porque acreditam (com toda razão) que a cultura escrita fará sua família ascender socialmente <sup>6</sup>.

Trata-se de um número relativamente pequeno de pessoas (a grande maioria acredita que a escola é suficiente). Mas esta minoria significativa deve ser estimulada e apoiada com programas especiais porque representa a **vanguarda intelectual dos pobres**, que percebe na cultura escrita um instrumento para fazer sua família emergir da pobreza.

---

<sup>6</sup> Estas pesquisas com compradores de livros, enciclopédias e discos vendidos em bancas, foram realizadas para a Abril Cultural, entre 1978 e 1983, por Sônia Novinsky, Vivian Manzano e por mim mesmo.

Entretanto, a produção de leitores em larga escala não pode basear-se apenas em estimular as famílias a ler com as crianças. Se nos limitarmos a esta ação, **muito importante mas insuficiente**, perderemos a corrida histórica em que nos encontramos, porque estaremos partindo de uma base inicial pequena.

**Devemos, justamente, produzir futuros pais-leitores a partir da atual geração de crianças – cujos pais não são leitores.**

Sendo este o principal problema, precisaremos investir pesadamente no segundo fator fundamental para a aquisição do hábito de ler, que é :

## **2. Ser instruído num sistema educacional orientado para a implantação do hábito da leitura.**

No Brasil, devido à mencionada falta de famílias que implantem o hábito da leitura entre seus filhos, **a escola adquire um caráter estratégico.**

Nela concentram-se **34 milhões** de crianças e de jovens que, mesmo sem o benefício da leitura doméstica, **poderão tornar-se – graças à escola – futuros pais-leitores e transmitir esse hábito a seus filhos.**

Para obter efeitos significativos junto a tal massa de indivíduos, é necessário estabelecer para a escola **programas amplos, simples, facilmente multiplicáveis, com baixo custo per capita, cientificamente mensuráveis e periodicamente reavaliados quanto a seus resultados.** Estes programas deverão :

a - **Sensibilizar diretores e professores** quanto à necessidade de uma política de leitura para as escolas brasileiras. Este é, sem dúvida, o fator primordial para o sucesso de qualquer política escolar. **Nada acontecerá sem o apoio ativo da administração da escola e do seu corpo docente.**

b - **Expandir, fortalecer, fomentar e, acima de tudo, tornar a rede de bibliotecas escolares uma instituição nacional -- com estabilidade, financiamento e plano de carreira para seus funcionários.** Em todos os países avançados, a biblioteca escolar é um **centro ativo** e um **apoio insubstituível** à implantação do hábito de leitura na juventude. (Note-se que em qualquer filme americano os estudantes estão sempre marcando encontros na biblioteca, algo que parece natural para esse público.)

- c - **Criar programas especiais de incentivo à leitura para os professores.** Sem professores-leitores não haverá alunos-leitores.
- d - Fomentar **os programas de incentivo à leitura desenvolvidos pelos próprios professores.** O **PROLER**, programa federal de fomento aos programas de leitura, já identificou em escolas pelo Brasil afora algumas centenas desses programas, organizados espontaneamente por professores. Entretanto, para seguir as recomendações do MEC <sup>7</sup>, precisaremos de milhares deles.
- e - Atingir a escola com **programas de incentivo à leitura gerados fora dela** – pelas bibliotecas públicas, instituições e empresas. Vinte por cento dos programas cadastrados pelo **PROLER** são desse tipo. Hoje, o mais amplo programa em funcionamento no país é a excelente “Viagem Nestlé pela Literatura”, que já atinge 7500 escolas secundárias (quase a metade das existentes).
- f – Implantar **mini-bibliotecas especializadas na Primeira Infância em todas as creches do país e treinar seus funcionários** em programas de leitura adequados. As creches permitem desenvolver o **prazer** pela leitura na tenra infância, **já que o engatinhar deste hábito é ouvir textos sendo lidos.** E, assim, estarão preparando as bases para um bom aproveitamento no Ensino Fundamental e **diminuindo a taxa de evasão escolar.**
- g – Implantar, em curto prazo histórico, **a hora da leitura diária** em **todas as escolas** do Brasil – como se faz nos países que adotam a estratégia de produzir leitores em larga escala.

**EM RESUMO: a escola é o mais importante instrumento de que a nação dispõe para implantar o hábito de leitura junto às crianças e aos jovens.** Especialmente se considerarmos o terceiro fator de peso na criação maciça de leitores, que é :

---

<sup>7</sup> Ver papel da leitura na escola em: “Parâmetros Curriculares Nacionais”, 1ª a 4ª série, vol.2 “Língua Portuguesa” p.p. 52 – 64 e “Parâmetros Curriculares Nacionais”, 5ª a 8ª série, “Língua Portuguesa” p.p. 69 - 74. Ed. MEC

### 3. Adquirir o hábito da leitura até a adolescência.

As nações que geram leitores em larga escala trabalham, sobretudo, com as crianças e os jovens. Os motivos básicos são dois:

- (a) Quanto mais velha a pessoa, mais difícil adquirir o hábito de leitura. Uma pesquisa realizada pela editora Hachette na França, há mais de vinte anos, já demonstrava que um percentual muito pequeno de pessoas adquirira o hábito de ler **depois dos doze anos**.
- (b) As milhares de **horas de leitura perdidas** na infância são dificilmente recuperáveis na idade adulta.

Mas há outros motivos importantes para estimular a leitura infantil e adolescente. Boa parte da **anomia criminógena** registrada entre os jovens nas zonas metropolitanas se deve, sem dúvida, à falta de práticas e ideais artísticos, culturais e esportivos – que, em todos os povos, funcionam como integradores sociais, expandem o setor terciário, empregam a população local e civilizam a vida social <sup>8</sup>.

O **acesso à cultura escrita** e aos horizontes que ela pode abrir para estes jovens não deve, portanto, ser encarado apenas como capacitação necessária para o mercado de trabalho mas também como a implantação de **um meio de controle social universalmente bem sucedido**.

Vale notar ainda que a tarefa de conquistar jovens para o hábito de leitura é **mais árdua** que a de conquistar crianças. Além disso, é fato sabido que tanto famílias quanto escolas – que se esforçaram com sucesso na implantação do hábito de leitura nas crianças – vêem uma parte delas abandonar esse hábito na adolescência.

A adolescência é um período de ressocialização, em que se formam os bandos adolescentes. Tribos de jovens que seguem suas próprias modas e que, em nosso país, desde que a TV penetrou em todos os lares, tornaram-se alvos da **“cultura jovem”** criada pelo comércio – uma cultura essencialmente **áudio-visual**.

---

<sup>8</sup> Ver : “Juventude, Violência e Cidadania: os Jovens de Brasília”, UNESCO. Coordenação J. J. Waiselfisz, Cortez Editora, 1999. “Gangues, Galeras, Chegados e Rappers”, UNESCO. M. Abramovay, J.J. Waiselfisz, C.C. de Andrade, M.G. Rua. Prefácio de M. Castells, 1999. “Traçando Caminhos em uma Sociedade Violenta - A Vida de Jovens Infratores e de seus Irmãos não-Infratores”, S.G. de Assiz. UNESCO/ Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, Ministério da Justiça, Ed. Fio Cruz, 1999.

Durante esse período de ressocialização, boa parte dos adolescentes passa a contestar, entre outras coisas, a família e a escola – e nem sempre pelos maus motivos. A Universidade, por exemplo, com suas **leituras obrigatórias** para o vestibular, é uma das responsáveis pela repulsa aos livros por parte de muitos colegas que liam espontaneamente quando crianças. Essas leituras obrigatórias, além de **tolher a livre escolha** – base do prazer e do interesse de ler – são, quase invariavelmente, livros **desinteressantes** para a maioria dos jovens. E, aliás, para muitos adultos também.

**Entretanto, como demonstram as nações desenvolvidas, esta taxa previsível de evasão da leitura na adolescência pode ser reduzida a um mínimo, se o problema não for perdido de vista e se forem criados programas especiais de reforço para jovens.**

Estrategicamente, como vimos, para estabelecer o hábito de leitura em larga escala entre nossas crianças e jovens, é fundamental agir através de programas destinados à família e à escola.

Mas estes programas, sozinhos, **não seriam suficientes**. Para acelerar o crescimento do número de leitores infantis e juvenis, é preciso **atingí-los também por outros meios** – que venham em socorro da família e da escola. São eles:

a – Dotar as bibliotecas públicas de “**satélites ativos**” junto à população (em casas de família, associações esportivas, escolas de samba, centros comunitários, empresas, igrejas, assentamentos rurais etc.), destinados à **captação e formação de leitores infantis e juvenis fora do recinto da biblioteca**. Por exemplo, as “**malas de livros**”, que circulam pelas comunidades.

b – Estimular **as empresas** a criar programas de leitura e bibliotecas para os funcionários e suas famílias.

c – Estimular **as redes de distribuição de massa** – supermercados, cadeias de lojas, bancos, farmácias, postos de gasolina – a adotar programas de leitura para a família de seus clientes. (A Fundação Educacional D’Pasqual, por exemplo, já distribuiu alguns milhões de livros infantis através da rede de lojas da empresa que a sustenta.)

d – Criar **programas para a juventude dos bairros pobres**, nos moldes do projeto “Biblioteca Viva” da Abrinq, patrocinado pelo Citibank, que se apoia na militância de professores e estudantes do Ensino Médio.

e – Usar **as rádios e TVs** para interessar crianças e jovens pelo “**mundo dos livros**”. (A difusão da **imagem positiva do livro** é discutida mais adiante.)

Conquistar massas de crianças e jovens para a leitura, através das famílias, escolas, instituições de massa e programas especiais, é fundamental se queremos desenvolver uma nação leitora. Mas, todos esses programas reunidos serão insuficientes para nos tornar um povo de leitores capacitados, se não forem apoiados por outro fator infra-estrutural decisivo:

**4. Ter acesso à informação escrita -- isto é, ao livro, à revista, ao jornal e ao computador – por empréstimo ou por compra.**

Ou seja: para tornar-se letrado, além de programas de implantação do hábito de leitura, o país necessita de **redes de bibliotecas** (públicas e escolares), de **livrarias** e **bancas de revistas**, de **redes de venda a crédito** e **redes de comunicação eletrônica**.

No Brasil, o sistema de distribuição de livros, revistas e jornais – com a honrosa exceção da distribuição do livro escolar, que é democrática e favorece principalmente os pobres – acompanha de perto a geografia da nossa injustiça social e regional.

As **2 100 livrarias**<sup>9</sup> e as **4 500 bibliotecas públicas**<sup>10</sup> **concentram-se** nas zonas urbanas de classe média ou nas áreas centrais (razoavelmente atendidas) e **escasseiam** vertiginosamente nas áreas urbanas mais pobres, na periferia das cidades e nas áreas rurais. As **32 000 bancas** de revistas<sup>11</sup> são um pouco mais democráticas, mas nem tanto. De toda forma, as bancas e o sistema de crediário porta-a-porta são praticamente as únicas formas **acessíveis** para os pobres comprarem publicações impressas no Brasil.

<sup>9</sup> Dado fornecido pela Associação Nacional de Livrarias. Este é o número de pontos comerciais que vendem mais de 70% em livros.

<sup>10</sup> Cadastro do Sistema Nacional de Bibliotecas. Fundação Biblioteca Nacional.

<sup>11</sup> Dado fornecido pela Dinap (Distribuidora de bancas da Editora Abril).

Quanto aos **computadores** e à **Internet**, se excluirmos a classe média que se informatiza por conta própria, pouquíssimas bibliotecas públicas e escolares oferecem este acesso ao povo. O Comitê pela Democratização da Informática, uma ONG carioca dirigida por Rodrigo Baggio, distribui computadores nas favelas. Uma bandeira importante – defendida por Ruth Cardoso, presidente da Comunidade Solidária – é a criação de **clubes virtuais de jovens**, unindo as periferias com as áreas de classe média e ampliando o acesso da juventude pobre à rede de informática local e mundial.

Tudo isso considerado, para ampliarmos **o acesso do povo ao livro-não escolar, ao jornal, à revista e ao computador** – o quarto fator decisivo na criação de uma nação letrada – teremos que adotar **duas linhas de ação simultâneas**: uma, de responsabilidade quase exclusiva do Estado (em seus três níveis); outra, de responsabilidade quase exclusiva da iniciativa privada. São elas:

A – Ampliar o **acesso gratuito** dos brasileiros ao livro, à revista, ao jornal e ao computador, **através das bibliotecas públicas, estatais e privadas**. Para tanto, deveremos:

a) **Prosseguir com a expansão da rede de bibliotecas públicas e escolares, atualmente em curso.**

Nos últimos sete anos, a Secretaria Nacional do Livro e da Leitura já implantou e revitalizou mais de 1 000 bibliotecas públicas em todo o Brasil. Trata-se da maior expansão do sistema bibliotecário de nossa história.<sup>12</sup>

Possuímos hoje 4 500 bibliotecas públicas municipais. Uma pesquisa recente<sup>13</sup> acaba de revelar mais **alguns milhares de bibliotecas públicas não-cadastradas, criadas por comunidades e instituições privadas, que precisam urgentemente de apoio e treinamento**. Entretanto, esse total de seis mil e tantas bibliotecas ainda é pequeno para os 170 milhões de brasileiros.

<sup>12</sup> Ver “Uma Biblioteca Em Cada Município - Balanço, Crítica e Perspectivas de um Programa do Governo Fernando Henrique Cardoso”. Ministério da Cultura, maio de 2000.

<sup>13</sup> O cadastramento em curso constitui uma colaboração entre a Secretaria Nacional do Livro e da Leitura, a Biblioteca Nacional, o Programa Sociedade da Informação do Ministério de Ciência e Tecnologia e a ONG carioca RITS.

**A expansão do número de Bibliotecas precisa continuar em ritmo acelerado: é o único meio de colocar livros, revistas, jornais e computadores gratuitos ao alcance dos mais pobres.**

Além de continuar a expandir-se, a rede de bibliotecas públicas precisa (a) ser modernizada, informatizada, capacitada, equipada, orientada e mobilizada. Necessita, também, (b) ampliar seus serviços, especialmente os noturnos e de fim-de-semana, além de (d) criar os já citados sistemas de extensão das bibliotecas (ônibus-bibliotecas e malas-de-livros) a fim de atender às grandes periferias.

**b) Criar um Fundo Permanente** – para o qual concorram (a) os Municípios, (b) os Estados, (c) a Federação, (d) a iniciativa privada e (e) órgãos internacionais – **destinado a financiar a expansão e modernização da rede de bibliotecas públicas e escolares.**

**c) Manter e ampliar a política do livro não-escolar na escola** – estabelecida pelos “Parâmetros Curriculares” do MEC <sup>14</sup>. Tal política, graças aos esforços da Secretária do Ensino Fundamental, Yara Prado, transformou-se na **entrega de 60 milhões de livros de literatura para as famílias dos alunos – a maior intervenção do gênero já realizada no mundo.**

**d) Fornecer um número significativo de computadores para uso coletivo**, tanto na biblioteca pública quanto na biblioteca escolar, e concretizar a idéia de **clubes virtuais** para jovens. **O financiamento para estes projetos pode provir do Fundo de Universalização das Telecomunicações (FUST)**, através do programa Sociedade da Informação (Socinfo) sediado no Ministério da Ciencia e Tecnologia e dirigido pelo Professor Tadao Takahashi.

**B – Facilitar aos brasileiros a compra de livros.** Para tanto, deveremos:

**a) Fomentar a ampliação da rede nacional de livrarias** até a completa ocupação de seu atual mercado potencial nas zonas de classe média.

---

<sup>14</sup> Ver os citados “Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental”. Secretaria de Ensino Fundamental do MEC, 1997.

b) **Expandir as vendas de livros em bancas e através de crediário**, fomentando a distribuição de volumes e coleções de alta qualidade cultural, destinados às camadas mais pobres da população, que não freqüentam livrarias e têm dificuldade na escolha de títulos.

c) **Baratear o preço do livro**. Ou seja, atacar o quinto fator estrutural na aquisição do hábito da leitura, que é :

## 5. Adequar o preço do livro ao poder de compra do povo.

No Brasil, o livro é caro se comparado ao preço médio internacional, e ainda mais caro, se comparado ao poder aquisitivo do povo.

Isto se deve a dois motivos:

1 - À falta de uma boa equação para (a) **financiar o sistema de distribuição do livro** e (b) **capitalizar as editoras**. (Ambos os recursos poderiam ser obtidos através do BNDES.)

2 - **Às baixas tiragens**. Este é o fator decisivo, **estrutural**, que determina o elevado **custo** do livro (e, portanto, seu alto **preço**).

Em dez anos, o Brasil quintuplicou o número de **títulos editados**. Hoje nos equiparamos a países como a França, Espanha, Itália e Índia, sendo apenas superados pela Alemanha, Grã-Bretanha e EUA<sup>15</sup>. Isto significa que a variedade de títulos oferecida ao público brasileiro é a mesma dos países adiantados. Mas **as tiragens** de cada título **são dez vezes inferiores**, encarecendo o custo por exemplar.

Ora, este problema das baixas tiragens só poderá ser resolvido pela aplicação das mesmas medidas anteriormente mencionadas:

(a) **ampliar o número de livrarias**; (b) **ampliar as outras formas de venda de livros**; (c) **ampliar a compra de livros pelas bibliotecas**;  
c) **ampliar as compras de livros não-didáticos para as escolas**.

Aos cinco fatores fundamentais para a produção de leitores em larga escala,

---

<sup>15</sup> Dados da CBL

que já examinamos, é preciso acrescentar um **sexto fator**, que **funciona como potencializador** de todos os demais. Tal fator é:

## 6. O valor da leitura no imaginário do povo.

Um dos fatores determinantes para o sucesso da implantação, ampliação e reprodução do **hábito de leitura** junto à massa do povo e dos jovens é, sem dúvida, **o valor que a opinião pública atribui ao livro e à informação escrita**.

Apesar do forte apelo mítico do livro – que deve ser utilizado na difusão de sua imagem –, a consciência popular quanto aos benefícios que ele traz depende, em boa parte, do valor que as instituições e seus líderes atribuem à leitura.

É fundamental, portanto, que – nos **meios de comunicação de massa** – astros e estrelas da mídia, políticos, sindicalistas, artistas, escritores, músicos, empresários, jornalistas e notáveis em geral (através de depoimentos pessoais, campanhas, debates, reportagens, movimentos e programas) **propaguem permanentemente a necessidade, a importância e o prazer da leitura**, assim como **a ascensão social e o poder pessoal que o hábito de ler confere às pessoas e às famílias**.

Esta **política de informação** só trará resultados importantes se ela for contínua e prolongada, até tornar-se um **temário incorporado ao bom senso nacional**.

Para realizá-la, precisaremos :

- da participação das **TVs e rádios estatais**.
- da participação das **TVs e rádios privadas**, que, sendo concessões públicas, têm compromissos sociais a serem cumpridos.
- de um **centro planejador e organizador** desta difusão permanente, de sua avaliação, da articulação com os líderes das instituições e os meios de massa, de seu fomento e financiamento através do Estado, da iniciativa privada e das organizações sociais.

Finalmente, para encerrar esta lista dos fatores fundamentais na luta global contra o analfabetismo funcional em nosso país, é preciso considerar :

## 7 – A questão regional e étnica.

Como notou o professor Daniel Moreira – primeiro estudioso brasileiro do Analfabetismo Funcional em empresas –, da Fecap (Fundação Escola Comercial Álvares Penteado), existem **indicadores precoces do analfabetismo funcional** que apontam para variáveis regionais e étnicas.

Ou seja, um recém-nascido que, além de pobre e nordestino, for negro, tem probabilidades bem maiores de tornar-se um analfabeto funcional do que um recém-nascido de classe média, do sul ou sudeste, e branco.

Isto significa que qualquer Política Nacional de Leitura deve levar em conta **programas especiais** (da primeira infância à adolescência) não só **para as regiões mais pobres**, como as favelas ou o vale do Jequitinhonha, mas também para aqueles que, por motivos étnicos, são os mais desprotegidos dentre os pobres – os **negros e índios**.

Sem estes **programas compensatórios** – cujo exemplo mais evidente em nível federal são as iniciativas do Ministério da Reforma Agrária – a implantação de uma Política Nacional de Leitura arriscaria acentuar a exclusão e as desigualdades sociais, em vez de combatê-las.

### Como e por onde começar?

A primeira constatação a ser feita é que **o país não está partindo do zero**, ainda que algumas das ações necessárias relacionadas nesta proposta -- como os programas de leitura para as creches e a criação de políticas fiscais para capitalização das pequenas editoras – não tenham sequer sido começadas.

Outras, entretanto, – como a expansão do sistema de bibliotecas públicas ou os programas de leitura para a escola e para as periferias – já foram iniciadas por vários agentes sociais, estatais e econômicos e se encontram **em fase de expansão**. O **PROLER**<sup>16</sup> já cadastrou mais de 600 programas desse tipo.

---

<sup>16</sup> PROLER: Rua Pereira da Silva, 86, Laranjeiras – CEP 22221-140, RJ / [www.proler.bn.br](http://www.proler.bn.br) / e-mail: proler@bn.br

Aliás, qualquer política destinada à expansão do hábito de leitura no país passa, necessariamente, pelo fortalecimento do **PROLER**, já que um dos grandes problemas para os militantes de todos esses programas – num país tão vasto quanto o Brasil – é sua sensação de isolamento, o sentir-se uma gota d’água no oceano de nossas necessidades.

**Sentir-se parte de um grande esforço comum – saber que, num dado momento, muitos outros estão se empenhando na mesma direção, e que cada pequeno trabalho local está se somando a muitos esforços análogos em todo o país – é um elemento insubstituível para romper a inércia, contagiar pelo exemplo e colocar os militantes em movimento. Criar este sentimento de unidade de propósitos, aliás, é um dos objetivos básicos de qualquer política nacional de sucesso.**

O “**Povo do Livro**” – escritores, editores, educadores, bibliotecários, livreiros, professores, estudantes, jornalistas, empresários, intelectuais, artistas, gráficos, políticos, funcionários da educação, universitários, pais de família, usuários da Internet e leitores em geral – **encontra-se disperso** neste momento, cada setor mergulhado em suas atividades específicas, **sem consciência da enorme força social, política e econômica que seu conjunto representa** .

Entretanto, se excetuarmos a Televisão, a indústria editorial constitui a mais importante indústria cultural do Brasil<sup>17</sup>. Ou seja, o “Povo do Livro” representa **um conjunto de forças nada desprezível**, com grande potencial para buscar aliados na Sociedade, no Estado e nas Empresas, e , com eles, realizar uma **tarefa inadiável**: capacitar nosso povo para o uso de livros, revistas, jornais e computadores.

Estas forças, se motivadas e mobilizadas em torno de alguns objetivos comuns claramente formulados, poderão, num curto prazo histórico, enfrentar e **superar o desafio de tornar nosso país uma nação leitora** – pré-requisito indispensável para que ela possa também ser mais justa, mais rica e mais feliz.

Brasília, 25 de Maio de 2002

Ottaviano De Fiore  
Ex-Secretário Nacional do Livro e Leitura – MINC  
Professor da Pontifícia Universidade Católica  
Conselheiro-Fundador do Instituto Brasil Leitor  
Assessor de Gabinete – Secretaria de Estado da Cultura

<sup>17</sup> Ver resumo do estudo da Fundação João Pinheiro sobre a Economia da Cultura no Brasil, 1998, de autoria de José Álvaro Moisés e Roberto Chacon, em publicação do MinC., Secretaria do Audio-Visual.